



26º Domingo depois de Pentecostes (13.11.05) Próprio 28

1ª leitura - Sofonias 1:7,12-18

Sofonias, Naum, e Habacuque eram contemporâneos de Jeremias e exerceram o seu ministério na época em que o império assírio começava a entrar em declínio e o império babilônico estava em ascensão. Pode-se imaginar o deslocamento do centro de poder acompanhado de invasões dos exércitos e conseqüentes sofrimentos infringidos aos mais fracos. Trata-se de um livro que fala na universalidade do propósito de ação de Deus, tanto no julgamento quanto na redenção. O recorte para este domingo aparece num tom lúgubre e ameaçador. Por isso é bom ler, também, o capítulo 3.

O Livro consta de seguintes temas.

- 1) Palavras proféticas sobre o julgamento de Judá (1:2 a 2:3; 3:1-8);
- 2) Palavras contra as nações (2:4-15) Filistéia, Moabe Amon, Egito e Assíria
- 3) Promessas da restauração dos povos na paz, justiça, verdade, confiança e Deus no meio deles. (3:9-20_

v. 7 - "calem-se", faça-se silêncio. É o anúncio da chegada do Dia do Senhor. Isso, também, nos lembra Habacuque 2:20: "o Senhor está no seu santo templo, cale-se toda a terra". Em Isaías 6 e Daniel 7.9ss. tem-se a visão de uma corte celestial onde Deus está sentado no trono. Aqui em Sofonias, dessa corte ouve-se a palavra de indiciamento. Esse julgamento vem sob a metáfora da "guerra santa" que Deus empreende (Jz 5; Ex 15), só que, desta feita, Deus dirige essa guerra contra seu povo desobediente que se tornou inimigo. Com isto o Deus proclamado pelos profetas não é um deus tribal nem etnocêntrico. O alvo do ataque é uma cidade fortificada e murada (v.16). Nas cidades antigas os pobres e indesejáveis moravam fora dos muros e prestavam serviços à população da cidade.

v.14-18 - Dos brados da guerra passa-se para os efeitos sobre a população (v.17) e ninguém pode usar propina para escapar a esse juízo (v.18).

O Dia do Senhor como advertência (aparece primeiro em Amós como vimos no domingo passado) tem por trás indicações de que o Pacto ou Aliança, "eu serei vosso Deus e vós sereis meu povo", foi pendendo para o lado de privilégio em detrimento do compromisso com o ser povo de Deus. Por isso, há como Amós (Am 3:2) e outros além de Sofonias que trazem um aviso de que o Dia do Senhor será de terrível julgamento (Am 5:18; 8:10; Jl 2:30-32; Is 24:21). Por outro lado, o Dia do Senhor e "naquele dia" tem a conotação de uma intervenção divina no sentido da salvação, de reunir os dispersos (Jr 23:7-8; 33:16; Am 9:11; nos últimos dias é o que Oséias usa, ver Os 3:5).

A advertência em Sofonias é dirigida contra a complacência, a indiferença para com a questão do tratamento humano, de outrem pela prática da injustiça. Essa advertência é dirigida ao povo, principalmente, aos que detêm o poder como foi dito acima. São palavras ameaçadoras, mas há um convite para a conversão, para a prática da justiça e da humildade. A figura da lâmpada ou lanterna (ver Sl 119:105) parece ecoar como um encorajamento para ver a realidade e o que está um pouco



mais a frente. Osso indica que o profeta não estaria prevendo uma catástrofe inevitável. Estava, sim, dizendo que se as iniquidades continuarem haverá conseqüências. Deus não é uma força cega que retribui o mal com o mal. Deus participa do sofrimento e ouve o clamor e quer a conversão e transformação. (*Dom Sumio Takatsu*)

2ª leitura - I Tessalonicenses 5:1-10

No recorte do domingo passado o apóstolo fez considerações sobre a preocupação dos tessalonicenses com o destino dos membros da Igreja falecidos ante da Vinda de Cristo (parusia, retorno) e o fez no contexto da visão apocalíptica. Desta vez, a questão do "quando" do Dia do Senhor está por trás da conversa com a Igreja. Talvez ele tenha recebido a notícia da preocupação quanto ao dia do retorno do Senhor ou fizesse parte da lista de perguntas que surgiam em suas viagens missionárias.

Como vimos no texto de Sofonias faz parte da expectativa dos profetas a intervenção decisiva de Deus na história da relação entre o Israel e as nações. Essa intervenção se expressa pela metáfora do Dia do Senhor.

Como vimos no comentário do domingo passado, Paulo e os tessalonicenses eram herdeiros de uma tradição cultural religiosa onde a intervenção divina decisiva era vista em termos catastróficos e cósmicos da revelação da ira de Deus e instauração de uma nova ordem de coisas. Nesse contexto, Paulo ajuda os tessalonicenses a deslocar a atenção do "quando" do Dia do Senhor (numa carta escrita mais tarde, 1Co 1.:7,8, esse é o Dia da revelação de Cristo, o Dia de Cristo) para o sentido do que esse Dia acarreta a eles. Com a metáfora do "ladrão da noite" conhecida entre os evangelistas (Mt 24:43, Lca 12:39) e no Apocalipse (3:3; 16:15), o apóstolo salienta a dimensão da surpresa. Em outras palavras, não se pode ter um calendário, no qual o retorno de Cristo possa ser agendado. Então, qual é o sentido de falar sobre o retorno de Cristo? O sentido está em que Deus não está indiferente com o sofrimento da miséria humana, da perseguição ou do martírio. No caso paulino trata-se do fim de uma ordem que destrói a vida, em última instância, e o surgimento de uma nova criação, inseparáveis da morte e da ressurreição de Cristo. Paulo traz essa para a vida presente dos tessalonicenses em termos de reflexão sobre a construção e reconstrução da vida em relacionamento como quem estão destinados a ter salvação (v.10-11). É uma ética da esperança.

A vigilância está associada com a questão da luz e trevas. A metáfora da luz e das trevas era conhecida e usada no Antigo Testamento e na comunidade de Qumram. Aqui Paulo se refere aos tessalonicenses como filhos do dia. Quem é "do dia" deve estar atento para não ser surpreendido pelo encantamento do slogan "que paz! Que segurança! (v. 3), uma crítica sutil à propaganda da Pax Romana estabelecida por César Augusto e mantida não só com a força militar mas também com rituais cívico-religiosos. É uma exortação para não ser iludido, seduzido pela ideologia da Paz e Segurança imperial (não vos conformeis ao mundo presente, cf Rm 12:3) e focalizar a atenção para a fonte geradora da esperança cristã (Jesus Cristo



crucificado pelo poder imperial, porém Deus fez com que essa morte fosse em nosso favor, v.9-10; ver, também, 1Pe 1:3).

Então, a libertação da ilusão da paz e segurança implica em duas coisas, pelo menos: (a) a atenção para com o propósito com que Jesus se entregou ao poder imperial e (b) a escolha dos instrumentos adequados da batalha ou do testemunho. É interessante observar que, embora Paulo recorra à metáfora das armas, essas são defensivas como couraça (fé e amor) e capacete (esperança da salvação) com significação criativa como fé, amor e esperança, a clássica tríade paulina. É nesse viver de relação e sua construção: amor, fé e esperança, que a Igreja e os cristãos e cristãs são portadores/as dos sinais do reinado de Deus e podem ver no mundo a esperança que o Dia do Senhor proclama. (*Dom Sumio Takatsu*)

Evangelho - Mateus 25:14-15,19-29

v.14 – “pois” se refere ao trecho anterior (v. 13 – “não sabeis o dia...”.) Trata-se do dia da prestação de contas. Uma grande soma foi confiada. Em relação a Lc 19:11-27, mesmo quem recebeu um só talento (cerca de 2kg de ouro, TEB) recebeu cem vezes mais do que o de Lucas. Simplesmente somas diferenciadas foram confiadas aos servos sem explicitar para que fim. Na prestação de contas o foco de atenção recai no último e no contraste entre este e os primeiros. Os primeiros mostraram simples criatividade no tempo da espera. Assumiram os riscos da fé e tiveram o regozijo da antecipação escatológica – “Entra no gozo do teu senhor” (v. 21, 23). Viram na confiança depositada a graça se multiplicando e a ação de graças se derramando em louvor, (ver II Co 4:15).

O terceiro entendeu que a fidelidade se equaciona com a segurança. Atrás da compreensão “literalista” da fidelidade sem risco e criatividade está a má compreensão de quem lhe confiou uma grande soma – “Sei que és severo, ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste...” A imagem que fazemos de Deus influencia em nosso relacionamento com Deus e uns com os outros. Aqui vemos a importância da exortação da parábola para a geração que esperava o retorno de Cristo naquela geração, o que não aconteceu e que via seu fervor esfriar.

Esta parábola nos ensina, também, a sermos vigilantes nas pequenas coisas. É um alerta para aqueles que, por não verem grande significado em alguns talentos, não desenvolvem o que lhes foi entregue, ou porque pertencem a uma congregação insignificante socialmente falando, ou porque não lhes foi confiado um cargo significativo, nem promoção na Igreja, e enterram seus talentos. Tudo isso é possível de acontecer. Por isso, esta parábola e o que Mateus aponta para as palavras de Jesus a respeito da liderança, da comunidade participativa, da presença Dele onde se congregam dois ou três em seu Nome nos dão ingredientes para a reflexão da natureza da comunidade sob a perspectiva do Evangelho. E isso nos prepara para o Advento. (*Dom Sumio Takatsu*)